

O RESGATE E A ESCRITA DE SI NO ROMANCE DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA LEITURA DE *PONCIÁ VICÊNCIO*

ELEN KARLA SOUSA DA SILVA (DOUTORANDA)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
(elenuema@gmail.com)

Dr. DANIEL CONTE
Universidade Feevale
Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil
(danielconte@feevale.br)

RESUMO: Neste artigo, analisamos o processo identitário no romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, partindo de fragmentos que comprovam a ação de resgate da identidade, a qual Ponciá Vicêncio, a protagonista, vivencia a partir da infância à fase adulta. A personagem percorre simultaneamente o presente e o passado em busca do “eu”, em uma procura que se inicia pelo descontentamento com seu sobrenome. Abordaremos a questão identitária arrolada ao processo de recordação/lembranças, que é frequente no enredo. Dentre os teóricos e estudiosos mais representativos que embasaram a pesquisa estão: Hall (2006; 2009), Silva (2011), Fanon (2008), Duarte (2016), entre outros. Suspeitamos, enfim, que a passagem das lembranças em *Ponciá Vicêncio* se efetiva através das figuras e espaços, sejam construídas pela figura do Vô Vicêncio esculpida em barro, sejam através do regresso a ambientes de representação afetuosa da protagonista.

Palavras-chave: Escritas de si. Identidade. Ponciá Vicêncio. Conceição Evaristo.

Artigo recebido em: 31 jul. 2020.
Aceito em: 27 ago. 2020.

RESCUE AND WRITING THE SELF IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S NOVEL: A READING OF *PONCIÁ VICÊNCIO*

ABSTRACT: In this article, we will analyze the identity process in the novel *Ponciá Vicêncio* (2003), by Conceição Evaristo, starting from fragments that testify the action of rescuing identity, which Ponciá Vicêncio, the protagonist, experiences from childhood to adulthood. The character travels simultaneously within the present and the past in search of “herself”, in a pursuit that begins with the discontent of her surname. We will address the identity issue related to the recollection process, which is frequent in the plot. Among the most representative theorists and scholars supporting the research there are Hall (2006; 2009), Silva (2011), Fanon (2008), Duarte (2016), among others. Finally, we suspect that the passing of memories in *Ponciá Vicêncio* takes place through figures and spaces, whether built by the figure of Vô Vicêncio sculpted in clay, or through the return of the protagonist to environments of affectionate representation.

Keywords: Writing the self. *Ponciá Vicêncio*. Conceição Evaristo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O romance *Ponciá Vicêncio* (2003) apresenta em seu enredo impressões e vivências da protagonista, da infância à fase adulta. Retrata a biografia de uma mulher negra que vive um processo de diáspora, na intenção de resgatar sua identidade. Ponciá trabalha como empregada doméstica na cidade, apaixonase, casa-se, gera alguns filhos e se enxerga vazia, na ânsia de um resgate de si mesma. Tal dispersão, no enredo, é de extrema importância, uma vez que “[...] a procura da protagonista é a metáfora da diáspora, afinal, a formação de Ponciá passa pela história do navio negreiro, representação tão comum na literatura canônica e, marcadamente, frequente na literatura afro-brasileira” (ARRUDA, 2007, p. 17).

A discussão sobre identidade tem sido pretexto de larga argumentação na teoria social. O debate é o de que as velhas identidades, nos dias atuais, encontram-se em declínio, conduzindo ao aparecimento de novas identidades e, por conseguinte, segmentando o sujeito moderno, até então encarado como um indivíduo unificado. Conforme Stuart Hall (2006, p. 7), a assim chamada “crise

de identidade' parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”.

Para Hall (2006), as identidades modernas estão sendo descentradas, ou seja, fragmentadas ou deslocadas. Consideremos estes termos, deslocamento e fragmentação, duas palavras que estão sendo utilizadas, frequentemente, para descrever o contexto global no qual estamos inseridos. Essa crise de identidade está ligada com eventos diversos, específicos de nosso tempo. Os fluxos sucessivos de migração/deslocamento geográfico possibilitam encontros e desencontros, das mais diversas maneiras e naturezas, e podem resultar no esfacelamento do indivíduo desta chamada modernidade tardia, o que repercute em seus modos e posturas.

Essa crise de identidade está ligada a casos, nas sociedades modernas, que geram enormes implicações e que favorecem alterações nos conceitos de sujeito e identidade. Ressalta, ainda, que ocorrem mudanças, também, referentes às identidades culturais, isto é, “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 8).

No romance em estudo, tal processo acontece através dos símbolos que remetem à religiosidade e à cultura afro-brasileiras. Por meio do percurso da personagem e a sua relação com seus ancestrais, Conceição Evaristo apreende e concebe o que Hall (2006) conceitua como questão identitária. Consoante o autor,

o conceito descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. [...]. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias pelas quais foram marcadas. (HALL, 2006, p. 88-89)

Destarte, Evaristo estabelece um enredo que trata dos assuntos em torno da identidade do negro, nomeadamente a condição feminina negra. A protagonista descobre que é no ambiente em que nasceu, próximo aos seus familiares, que poderá reencontrar a sua identidade perdida. Pretendemos, então, analisar a questão identitária pautada no processo de recordação/lembranças frequentes no enredo, construídas através da figura do Vô Vicêncio esculpida em barro e do regresso a ambientes que transmitem expressão emotiva à protagonista.

A identidade

Para Hall (2006), as questões sobre identidade podem ser problemáticas quando acentuadas em um contexto em que as identidades não pertencem mais a grupos fechados ou relacionadas somente à etnia, em uma modernidade líquida, como denomina Bauman (2001).

Na modernidade líquida, há uma série de identidades à escolha e diversas para serem inventadas (BAUMAN, 2005). Dessa forma, só podemos discutir a construção identitária enquanto experimentação infundável. Com o mesmo ponto de vista de Bauman, empenhado nos estudos sobre identidade cultural, Hall (2006) expõe a conceituação do que denomina “identidades culturais” como traços de nossas identidades que brotam de nosso “pertencimento” a culturas raciais, religiosas, étnicas e, sobretudo, nacionais.

Hall (2006, p. 9) compreende que as situações atuais da sociedade se encontram “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. Essas modificações alteram as identidades pessoais, interferindo no conceito de sujeito integrado que possuímos de nós próprios: “Esta perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2006, p. 9). Esse deslocamento duplo diz respeito tanto à descentração dos sujeitos em seu lugar no mundo cultural e social, quanto de si mesmo, e como consequência temos a “crise de identidade”.

A noção de identidade, enquanto crise de pertencimento, não contempla somente o que concerne aos limites territoriais. Paralela à crise constituída nos indivíduos em seu pertencer a um local determinado, a atual crise vivenciada pelos sujeitos se constitui quanto ao pertencimento do ser enquanto ser, por isso o seu modo subjetivo, que abrange uma questão mais interior e íntima. Para Bauman,

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu acaso, uma condição sem alternativa (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

A crise de pertencimento e a desordem identitária da protagonista se afirmavam através dos vazios que propiciavam um mergulho nas memórias, funcionando com o intuito de uma descoberta de si, um autorreconhecimento, com o fim de compreender sua identidade, a procura de respostas nas suas

origens. Com base nesse argumento, referimo-nos ao enredo de *Ponciá Vicêncio* para considerar a questão identitária na obra, e que faz parte dos binômios esquecimento/memória, costume/costumes (cultura), (não)pertencimento/identidade, além de outros termos, como loucura, vazio, temor. Conforme o fragmento que segue:

O amanhã de Ponciá era feito de *esquecimento*. Em tempos outros, havia sonhado tanto! [...] sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o próprio nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos. (EVARISTO, 2003, p. 16)

Percebe-se que Ponciá, personagem que intitula a narrativa, uma afro-brasileira, observa-se “anônima”, “ninguém”, “sem nome”, afligida por uma crise de identidade, “representada em uma narrativa de negação e repetição” (BHABHA, 2007, p. 80). Esta necessidade de ser, de fazer parte de um lugar, de resgatar um passado através da memória oferece implicações que se desdobram no texto. Em sua ausência interior, Ponciá Vicêncio compreende seu não pertencimento e, dessa maneira, não enxerga a si mesma com o nome imposto. É o fardo de carregar no seu eu as marcas cravadas por relações de poder que a intrinca. Todavia, seu comportamento de resistência evidencia a razão ou a loucura que aparece em “vontade de choros e risos”. Tal consciência coloca em ênfase uma identidade que se encontra em conflito, em condição contínua de mudanças.

O RESGATE DE SI MESMA

A história retrata o percurso de Ponciá durante a busca por uma realidade distinta daquela vivida desde sua existência na Vila Vicêncio. Romance que possui um narrador onisciente, em terceira pessoa, a obra expõe a história de Ponciá de modo estilhaçado, como fragmentos de lembranças que articulam memórias desordenadas e atraem o leitor a desvendar as aspirações e os receios de Ponciá, à proporção em que relembra cada fragmento de sua biografia. Isso é realizado ora observando a protagonista-título, ora lembrando os casos pela centralização dos sujeitos que estão envolvidos na vivência da mesma, como, por exemplo, o marido, o irmão; e nas narrações em que as

memórias do avô adquirem ênfase, em um mundo que se funde no auge das ilusões de Ponciá no futuro, presente e passado.

O título da narrativa nomeia a protagonista do enredo, que vive os conflitos em um contexto social que, sucessivamente, a conduziu a um status secundário em nossa História. Conceição Evaristo discute a identidade da personagem que, de certa forma, encontra-se fortemente ligada ao Vô Vicêncio, de quem é herdeira do nome e parcela de sua história. Evaristo (2003), através de Ponciá, consegue dar fala aos derrotados, que descubrem na literatura uma das escassas aberturas para a constituição de um mundo seu. Nessa perspectiva, o discurso de Ponciá representa como a fala dos grandes sujeitos da história cede espaço à dos explorados.

O enredo apresenta uma menina e mulher, refém de seu destino de filha e neta de ex-escravos, na qual a herança se eterniza em seu comportamento alienado, insano de ser. Conforme a pesquisadora e professora Barbosa, “além de expor uma trama psicológica e emocional complexa, *Ponciá Vicêncio* retrata e analisa questões raciais e sociais, pois o sobrenome ‘Vicêncio’ era herança da escravidão negra”. As questões sociais expostas por Somerlate estão presentes no enredo.

O percurso trilhado pela personagem, seja no plano imaginário seja no plano físico da ficção, delinea e denuncia eventos históricos vividos pelos afrodescendentes em uma condição particular e coletiva que, durante séculos, foram maquiados e/ou disfarçados pela História, inseridos ou não em instituições educacionais. Essas passagens ratificam consecutivamente o não lugar do negro na sociedade. Este não lugar é entendido pela perturbação ao abandonar o campo e se retirar à procura de melhores condições de vida: “Ponciá não conseguiu explicar que sua urgência nascia do medo de não conseguir partir. Do medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus” (EVARISTO, 2003, p. 37-38). Porém, a protagonista não terminaria sua busca na cidade (zona urbana). Depressa compreendeu que não havia espaço para ela, também, ali, local em que tudo era concorrido, a começar por um lugar para encostar a cabeça à noite e inclusive uma fatia de pão para alimentar o estômago.

A protagonista é uma mulher simples, humilde, do campo, que não conhecia a pressa do urbanismo; ainda assim, ela entendia o universo em que estava envolvida, pois “enxergava de olhos abertos e fechados. Desde pequena, assistia as coisas que muita gente não percebia” (EVARISTO, 2003, p. 41). Superando as dificuldades iniciais de sua chegada à cidade grande, ela conseguiu um trabalho de empregada doméstica. “Estava de coração leve, achava que a vida tinha uma saída. Trabalharia, juntaria dinheiro, compraria uma casinha e voltaria para buscar seus entes queridos, mãe e irmão. A vida lhe parecia possível e fácil” (Idem, p. 42). Entretanto, a fuga que a existência lhe

apontava era diferente daquela que havia sonhado. Prontamente, percebera que a viabilidade de uma vida melhor se resumia a fantasias. Uma vida sem direção, que a fazia se esquivar da realidade dura, amparando-se em si mesma, em sua ausência interior. Ponciá, em sua languidez,

perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2003, p. 33)

Ressaltamos que o texto representa os povos da “diáspora africana”. Vários são os componentes que se adicionam para construir a conjuntura cultural da diáspora: noções sobre os costumes, as religiões africanas, a imagem do avô, a arte no barro; por fim, uma pluralidade de alusões culturais que explanam a real vivência dos afrodescendentes, os medos e os deleites, metaforizados nos termos “sangue e garapa”.

Ao sair da vila e chegar à cidade, a personagem estabelece relação com um meio social que segrega o “outro” pelo fato de não integrar a classe dominante, através das histórias dos que apostaram na sorte e não obtiveram êxito. São numerosos os informes que descrevem as desgraças dos homens que buscaram uma condição melhor de vida e se perderam pela cidade. Ela já

havia passado a noite em claro, em festa ou velório, mas nunca sozinha. Sentia frio e medo. Aos poucos foram chegando companhia. Mendigos, crianças, mulheres e homens. Vinham alegres, risonhos, apesar do desconforto e do frio. Ponciá descobriu alguns já deitados, agasalhados em jornais e sentiu um calafrio. Lembrou-se dos santos que estavam lá dentro, das velas e dos castiçais, dos vitrais coloridos, dos bancos largos e lustrosos de madeira. Reviu o chão liso, brilhante, quase escorregadio da igreja. Olhou novamente para os lados, todos calmos, muitos até dormindo. Ela abriu a trouxa, tirou o terço de lágrimas de Nossa Senhora, beijando respeitosamente as contas escuras que diluíam na cor mesma da noite, benzeu-se e começou a rezar a Ave-Maria. (EVARISTO, 2003, p. 39)

O que resta à personagem é apegar-se ao seu terço e rezar, pois na cidade as expectativas de um amanhã melhor, gradativamente, mingam. Longe da família, a personagem perde a ligação que a vincula a sua identidade, e ao não encontrar esses contatos de reiteração do “eu”, deixando de pertencer ao grupo, torna-se “outro”, um sujeito de fora, sentenciado a viver à margem, distante dos olhares da classe dominadora estipuladora de regras. A narrativa nos apresenta isso no fragmento que retrata a ida de Ponciá para a cidade, quando ela se observa envolvida por vários outros excluídos e à margem da sociedade.

Destaca-se que o modo de vida simples, a culinária, os hábitos, as tradições, os costumes e a herança cultural africana, juntos, presentificam-se na história. A estrutura do romance recorda as lembranças que despertam os sentidos: a visão, com a descrição dos lares; o tato, com o chão escorregadio; o olfato, com o aroma do alecrim do colchão de capim; o paladar, com os tachos de saborosos doces de frutas nativas com que as crianças se lambuzavam, segundo nos expõe o trecho a seguir:

As casas das terras dos negros, para o olhar estrangeiro, eram aparentemente iguais. Chão batido, liso, escorregadio, paredes de pau-a-pique e cobertura de capim. As camas dos adultos e das crianças eram jiraus que os homens e mesmo as mulheres armavam com galhos de árvores amarrados com cipós. O colchão de capim era, às vezes, cheiroso, dado ao alecrim que se misturava ali dentro na hora de sua feitura. Os grandes vasilhames de barro ou de ferro e os tachos onde as mulheres faziam doces permitiam imaginar farturas. As crianças gostavam de raspar os tachos se lambuzando com os doces de mamão, cidra, banana, goiaba, leite, abóbora e o melado de rapadura. (EVARISTO, 2003, p. 59)

O excerto nos apresenta um panorama de pobreza, entrecortado, entretanto, por fragrâncias, paladares e vida em família, em que adultos, crianças, mulheres, homens, mães e filhos expõem o cotidiano de comunidades povoadas por negros africanos.

O SOBRENOME E O NÃO RECONHECIMENTO

A protagonista percorre, concomitantemente, o presente e o passado em busca de si. Essa procura começa pela insatisfação no tocante ao seu sobrenome:

Ponciá nunca gostou dele [...] sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe e todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. (EVARISTO, 2003, p. 27)

Consoante Duarte (2006), a “marca da subalternidade” intitulada pela designação do mesmo sobrenome dos senhores aos escravos é a representação dos precários direitos à cidadania destinados aos descendentes. E esse exercício foi fortemente praticado entre os senhores proprietários das terras que faziam

uso desse artifício, com o intento de garantir, ainda mais, seu direito de exploração sobre seus escravizados.

Ao evidenciar seu desgosto ao nome que legou “daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens”, Ponciá se queixa de suas ascendências e de sua história, emudecida por registrarem apenas episódios em que os dominadores estiveram presentes. Desse modo, no enredo é admissível para personagens como Ponciá resgatar elementos de seu passado liberto dos estereótipos construídos sobre si, por sujeitos que por bastante tempo centralizavam a criação do conhecimento.

A rejeição do sobrenome Vicêncio imposto a antepassados de Ponciá há gerações engendra uma indagação que nos leva à reflexão de Fanon (2008) sobre a aspiração psíquica do sujeito colonial: “o que quer o homem negro?” Isso nos faz questionar: o que quer a personagem Ponciá, como negra, pobre e mulher, ao rejeitar o nome imposto? Qual o seu desejo? Avaliamos que, contrariamente ao sujeito colonial, no pensamento desse autor, Ponciá não busca o lugar do colonizador; nem sequer o espaço do subalterno.

Ponciá, com seu posicionamento de resistência, rejeita esse “eu” por que não optara, essa visão que não autoriza o outro a pronunciar seu nome, escolhendo ser chamada de “nada”. Ademais, este anseio em ser “nada” é significativo, se analisamos que o “nada” está subentendido no “todo” e no “tudo”, e que esse “nada” vivente é de fato um associado de toda aflição de Ponciá, devido às questões mencionadas anteriormente. Destarte, esse “tudo/nada” de certa maneira preenche um espaço em seu interior, que de certa maneira explica as suas inquietações.

Conforme Bhabha (2007, p. 76), “a questão da identificação é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem”. Nesse sentido, Ponciá não assume a identidade que lhe fora imposta, visto que essa lança uma representação distorcida da esperada pela personagem, atravancando seu autorreconhecimento. Por essa razão, renuncia à “demanda da identificação”, rejeita “ser para um Outro”. Deveras, nega-se a ser para o outro, naqueles termos de indivíduo invisibilizado e colonizado.

Para Bhabha (2007, p. 77), “a identificação [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem”. Prontamente, esse momento de “desidentificação colonial” da protagonista se torna representativo e simbólico para a temática estabelecida no romance, sobretudo porque a rejeição identitária está diretamente conectada à raça.

A insatisfação e o não reconhecimento continuavam. O auge da autonegação da protagonista se cristaliza quando o(a) narrador(a) assevera:

“num exercício de autoflagelo, ficava a copiar o nome e a repeti-lo, [...] de encontrar o seu eco. E era tão doloroso quando grafava o acento” (EVARISTO, 2003, p. 27).

A designação “autonegação” é sinônima de uma ação estabelecida por meio de um preconceito suportado, e atua como uma blindagem psicológica usada perante um histórico de discriminações e preconceitos, até nos dias atuais. Enfatizamos a relação que existe entre essa situação de defesa e as relações da identidade étnica que se delineiam entre as fronteiras da crise da constituição de ser ou se admitir como negro.

Como já mencionado, há uma série de identidades à escolha; no entanto, não podemos desfrutar da identidade de “escolha”, possuindo-a como uma determinação. Bauman destaca:

Mas mesmo as pessoas a quem se negou o direito de adotar a identidade de sua escolha (situação universalmente abominada e temida) ainda não pousaram nas regiões inferiores da hierarquia de poder. Há um espaço ainda mais abjeto – um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor, são empurradas) as pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta. Pessoas cuja súplica não será aceita e cujos protestos não serão ouvidos, ainda que pleiteiem a anulação do veredicto. São as pessoas recentemente denominadas de subclasse: exiladas nas profundezas, além dos limites da sociedade – fora daquele conjunto no interior do qual as identidades (e assim também o direito a um lugar legítimo na totalidade) podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas. (BAUMAN, 2005, p. 45)

Nos dias atuais, o negro, a despeito das desventuras, tem interrogado essa “sentença” e batalhado pela concreta afirmação identitária negra. A cada dia as máscaras brancas são negadas e o negro avoca o seu negrume, sem o temor dos julgamentos da chamada sociedade hegemônica. De acordo com Fanon (2008), o complexo de inferioridade passa pela cor da pele; possuindo uma triagem social, existe e somente será combatido quando o negro adquire noção das realidades sociais e econômicas. Segundo Munanga, aceitando-se “o negro se afirma cultural, moral, física e psiquicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano ‘normal’” (MUNANGA, 2012, p. 43).

VÔ VICÊNCIO E O BARRO

Ponciá Vicêncio possuía semelhanças com o avô. As iniciais aparições das analogias com o avô se deram, primeiramente, na meninice, ocasionando estranhamento nos que acompanhavam os passos da menina, até mesmo a aparência, muito parecidos aos do avô Vicêncio, que era materializado através do boneco de barro esculpido por ela. Ponciá Vivêncio “andava com um dos braços escondido às costas, e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. [...] Quando o avô morreu, a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? Todos se assustavam” (EVARISTO, 2003, p. 13).

O resgate da identidade se comprova a partir da infância, quando Ponciá se conduz a copiar a imagem do avô. À proporção que imita os gestos do avô, constrói uma nova personalidade, moldando-se, igualmente, ao barro, quando institui uma ligação com seus antepassados.

Ponciá deixa na cidade as relações que intensificam a sua identidade, a relação com a família, com a arte da modelagem, e passa a padecer com o anseio de reaver o passado, reconhecer os laços. A figuração do “eu” com a qual tem proximidade com sua meninice na Vila Vicêncio é composta pela relação com os progenitores. Ademais, a proximidade com a arte e os familiares é essencial para a constituição identitária da personagem.

A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, [...] dizer; “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. (SILVA, 2011, p. 90)

Nas memórias de Ponciá, observamos que as recordações e a lembrança de sua origem a levam regressar a sua remota morada na zona rural. Evaristo nos apresenta a vida simples que Ponciá ali levava, antes de partir para a cidade grande:

A casinha de pau-a-pique de Ponciá Vicêncio continuava de pé. O tempo de chuva começava e um mato verde, ameaçador, crescia ao redor. Ela teve receio de cobra, mas seguiu adiante. Empurrou a porta, que abriu doce e lentamente, como se a casa estivesse também a aguardar por ela. O chão de barro batido continuava limpo. As vasilhas de barro que a mãe fazia estavam arrumadas na prateleira. Em cima do fogão à lenha estavam as canecas de café do pai, da mãe, dela e do irmão. Esquecidas de que a vida era outra no momento, teimosamente se postavam, como se estivessem à espera do líquido. Ponciá correu e abriu a

janela de madeira. Um cheiro bom de mato, terra e chuva invadiu a casa. Com o coração aos pulos, reconciliou-se com o lugar. (EVARISTO, 2003, p. 48)

O regresso de Ponciá simboliza uma harmonia com o passado. A personagem busca resgatar sua vida que se encontra perdida. Ela desvenda que “a vida era outra no momento”, porém, além disso, permanecia tão igual, o que se deduz pela organização dos objetos na casa. Seu regresso está ligado ao reencontro de si. Buscava algo, mas o que precisamente? O trecho a seguir tenta responder:

Continuou procurando e remexendo nos objetos tão conhecidos. Foi ao velho baú de madeira, tirou de lá algumas palhas secas e viu, então, lá no fundo, o homem-barro. Vô Vicêncio olhava para ela como se estivesse perguntando tudo. Ponciá Vicêncio tirou o homem-barro de dentro do baú, colocando-o em cima da mesa. Estava cansada, tinha fome, emoção e um pouco de frio. A cabeça tonteou. Sentou-se rápido num banquinho de madeira. Veio, então, a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma. (EVARISTO, 2003, p. 48-49)

Realizar uma busca por si mesma constitui o reencontro com sua ancestralidade, e isso se concretiza com o encontro com o homem-barro, na imagem de Vô Vicêncio. Este reencontro com suas ascendências, concebido pelo barro esculpido, remonta à passagem bíblica a respeito da origem da humanidade, e na sentença dada por Deus às criaturas (GENESIS, 3:19): “Tu és pó e ao pó voltarás”, em uma aberta menção ao mito da origem da humanidade e de seu fim, compondo uma cena cíclica, metaforizada na representação do arco-íris e na arte de modelar o barro.

Ponciá modela o barro, que, aliás, é um componente fortíssimo presente no texto. Ocupa-se, aqui, da arte milenar da modelagem, no caso, cultura vinda da África com a diáspora, desempenhada especialmente pelas mulheres, tanto na venda como na fabricação de utensílios domésticos. A protagonista é artesã, assim como era sua mãe; no entanto, não consegue sobreviver de sua arte. Embora possuindo o dom de ser oleira, não poderia fazer uso da cerâmica para viver, permanecendo a trabalhar para os brancos; contudo, na cidade, acaba por atuar como doméstica. Devido a não conseguir reencontrar seu irmão e sua mãe, a personagem Ponciá continua uma busca por si e, de tal modo, ela decide ir à procura dos demais parentes na comunidade em que morava, pois:

Todos eram parentes por ali. Desde que os negros haviam ganho aquelas terras, ninguém tinha chegado e eles se casavam entre si. Eram parentes, talvez, desde sempre, de lá de onde tinham saído. Ela decidiu, então, que ia rever os outros, aqueles que também eram os seus. (EVARISTO, 2003, p. 58)

A busca de Ponciá simboliza a ação de preservar a memória coletiva e individual do lugar de origem, que exerce a função de retenção, uma ancoragem de suas ascendências em seu lar de origem, já que os sujeitos da diáspora vivem seu movimento entre fronteiras, modificando e sendo modificados por meio das práticas culturais e religiosas nas afinidades estabelecidas entre distintos povos no decorrer de suas experiências.

Evaristo denuncia no enredo a condição escravizada a que eram subordinados crianças e adultos negros, padecendo sob o poder do imperialismo selvagem dos brancos poderosos; “sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno” (EVARISTO, 2003, p. 48). Ponciá relembra sua história e, sobretudo, a de outros povos da diáspora africana, que foram trazidos às Américas, espalhados pelo país, especialmente na zona rural, com o intuito de fazê-los trabalhar nas plantações. A experiência diaspórica que vários povos têm vivenciado no decorrer do tempo pode ocasionar discussões sobre suas identidades. Dessa forma, a personagem persiste em conservar viva sua memória, que opera como um moderador de uma vida carregada de ausências, solidão e perdas. Por meio dos deslocamentos, Ponciá sustenta sua forte ligação com suas raízes, embora não queira para si mesma o destino que fora atribuído aos seus ancestrais.

A ação de rememorar é exercida até como componente que reconstrói posições de um passado remoto, como se aspirasse a torná-lo presente, para purificá-lo e, desse modo, tentar viver uma história distinta da de seus ancestrais. No entanto, Ponciá vai compreendendo paulatinamente que viver na cidade não é tão distinto da realidade vivenciada no espaço rural. A labuta era penosa e o estado de pobreza perdurava. Alterava-se o ambiente geográfico, porém, não se modificava seu “ambiente” social, seus problemas, suas amarguras e, por não ter ânimo para enfrentar tudo, refugiava-se em si mesma, ocultando-se no vazio das ausências. Ponciá Vicêncio sentiu o vazio e quando retornou a si, ficou tonta.

[...] Tentou lembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia apenas que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao seu redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu. (EVARISTO, 2003, p. 44)

Ponciá era consciente de sua condição, inclusive o distanciamento de tudo era a sua fuga, seu refúgio. Todavia, eram nesses estados de vazio que Ponciá relembra sua experiência de tempos passados. Arriscamos afirmar que houve um intuito de resgatar “retalhos de vida” que explicassem a identidade de sua nação. É através dos *flashbacks* de memória que o leitor testemunha a história real, que não é somente da protagonista, mas do povo proveniente da África. A voz narrativa informa sobre a ação oculta do coronelismo, como os “escravos libertos” eram enganados e explorados pelos brancos, mesmo tendo sido “alforriados” pelas leis dos homens:

[...] quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia do momento. As terras tinham sido oferta dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. (EVARISTO, 2003, p. 47)

A desordem do espaço em que vive no plano físico da narrativa é alterada pela organização de seu lar, que ficou no âmago da vida rural, assim como no íntimo de sua memória. As imagens das memórias de Ponciá auxiliam o leitor a se familiarizar com as ações de diáspora africana que transcorrem na história e a captar a “desordem” que tal ação gerou ao dispersar os negros escravizados que vieram da África em várias partes do continente americano, isolando-os, sendo considerados como objeto, como escória da sociedade.

Assim como os demais negros, Vô Vicêncio possuía família, filhos e mulher, que mesmo nascidos do “Ventre Livre”, foram afastados dos seus familiares e vendidos. Perante essa realidade, na qual as leis não favoreciam os negros, Vô Vicêncio enlouquece e, em um ato de desespero, assassina a esposa e tenta acabar com a própria vida, não tendo êxito. Todavia, resta-lhe somente a mão decepada a recordá-lo de seu gesto de agressão contra si mesmo e de obstinação, à medida em que se tornara testemunha do desgosto, dos martírios do seu povo, em meio a prantos e risos, até o derradeiro suspiro. A representação de Vô Vicêncio é marcante no romance, e está inteiramente arrolada aos conflitos identitários de Ponciá.

E do tempo lembrado e esquecido de Ponciá Vicêncio, uma imagem se presentificava pela força mesma do peso de seu vestígio: Vô Vicêncio. [...] a estatueta do homem-barro enviesada olhava meio para fora, meio para dentro,

também chorando, rindo e assistindo a tudo. Lá fora, no céu cor íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus [...]. (EVARISTO, 2003, p. 128)

Percebe-se que a personagem imerge em atitudes de dispersão, isso é, foge para inúmeras partes de um passado longínquo, à procura de restabelecer seu trajeto entrecortado de histórias e vivências de uma vida sofrida: “às vezes, era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças que lágrimas corriam sobre o seu rosto” (EVARISTO, 2003, p. 93); em outro enfoque, “outras vezes eram tão doces, tão amenas as recordações que, de seus lábios surgiam sorrisos e alegrias” (p. 93-94). O romance pode ser encarado como uma narrativa que apresenta em sua estrutura o fluxo de idas e vindas espaço-temporais no plano ficcional, representando esses deslocamentos e a própria diáspora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura proposta sobre o texto de Evaristo, procuramos refletir sobre o processo identitário na obra, partindo de fragmentos que confirmam que a figura do avô é marcante na obra, estando inteiramente ligada aos conflitos identitários de Ponciá, inseridas tais desordens durante seus percursos. Narrativa que apresenta em sua estrutura o fluxo de idas e vindas no plano ficcional, representando a diáspora da personagem.

Ponciá sente o anseio de esculpir o presente, o futuro e o passado através do barro, rememora a ideia de remodelar a si mesma, após uma desconstrução causada pela sociedade e de recriar um novo “eu”, afirmando e resgatando a identidade extinguida pelos processos sociais de segregação.

O resgate da identidade se comprova a partir da infância, em que Ponciá se conduz a copiar a imagem do avô. À proporção que imita os gestos do avô, constrói uma nova personalidade, moldando-se igualmente ao barro, quando institui uma ligação com seus antepassados.

Em face do exposto, a passagem das memórias se efetiva através das figuras e espaços, sejam construídas pela figura esculpida em barro do avô, sejam pelo regresso a ambientes de representação afetiva.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Aline. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. 2007. 106 f. Dissertação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003. p. 5-8.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Modernidade Líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BIBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. *Gênesis*. 2. ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(1): 305-323, janeiro-abril/2006. p. 305-308. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a17v14n1.pdf>>. Acesso em: 7 jan. 2016.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

_____. *Ponciá Vicêncio*. Trad. De Paloma Martinez-Cruz. Austin, Texas: Host Publication, 2007.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MUNANGA, Kabengele. O negro recusa a assimilação. In: _____. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 37-51.

_____. *Negritude: usos e sentidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009.

SILVA, Denise Almeida. Espaço, memória e agência em Ponciá Vicêncio. *Antares (Letras e Humanidades)*, v. 3, 2011, p. 161-174.

SILVA, Elen Karla Sousa da; CONTE, Daniel. O resgate e a escrita de si no romance de Conceição Evaristo: uma leitura de *Ponciá Vicêncio*. *Scripta Uniandrade*, v. 18, n. 2 (2020), p. 207-223. Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 09 set. 2020.

ELEN KARLA SOUSA DA SILVA é bolsista de doutorado do CNPq do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS - Linha de Pesquisa: Pós-Colonialismo e Identidades. Mestre em Letras, com área de concentração em Estudos e Discurso pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN (2016). Especialização em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão, UEMA (2016). Especialização em Linguística e Literatura pela Faculdade Ademar Rosado, FAR (2009). Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (2008). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura, Pós-colonialismo, Identidade e Feminismo Negro.

DANIEL CONTE é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana e Mestre em Literatura Comparada pela UFRGS. Professor permanente e pesquisador da Universidade Feevale, atuando no PPG em Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado Profissional em Indústria Criativa. É professor Visitante no PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Pós-colonialismo e identidades e lidera, juntamente com o Dr. Ricardo Postal, o grupo SUTRA – Subalternidades, Transculturalidade e Perspectivas Decoloniais do CNPq.